

LINGUASAGEM

MULHERES NA EDIÇÃO E NA LITERATURA¹

Entrevista com Ana Elisa Ribeiro²

RESUMO

Nesta entrevista, a professora e escritora Ana Elisa Ribeiro trata de seu grupo de estudos *Mulheres na Edição* e nos propõe reflexões sobre o que mudou e o que vem mudando quando se pensa na participação das mulheres no meio literário e editorial. Em seguida, discute sobre o seu ensaio (Ribeiro, 2022) e sobre como o ensino pode se beneficiar de abordagens multimodais que relacionem o ensino presencial e ferramentas do ambiente digital. Finalmente, a entrevistada conversa sobre sua atuação como professora, ao mesmo tempo que nos narra sobre o processo de produção de dois de seus livros: *Romieta e Julieu* e *O e-mail de Caminha*, nos mostrando como todas as suas áreas de atuação caminham juntas.

PALAVRAS-CHAVE: Editoração; Ensino; Mulheres na edição; Literatura.

ABSTRACT

In this interview, professor and writer Ana Elisa Ribeiro talks about her study group *Mulheres na Edição* and proposes reflections on what has changed and what has been changing when thinking about the participation of women in the literary and publishing world. Then, she discusses her essay (Ribeiro, 2022) and how teaching can benefit from multimodal approaches that relate face-to-face teaching and digital environment tools. Finally, the interviewee talks about her role as a teacher, while talking about the production process of two of her books: *Romieta e Julieu* and *O e-mail de Caminha*, showing us how all her areas of activity go hand in hand.

KEYWORDS: Publishing; Teaching; Women in editing; Literature.

¹ Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2023, de forma remota, como atividade das disciplinas Laboratório 6 e 7 da *Ênfase II - Textos: Meios e Materiais Instrucionais*. A equipe responsável pela produção, transcrição, retextualização e revisão desta entrevista foi composta por Bruna Laisa Ferreira, José Victor Messias, Maria Eduarda da Matta, Maria Julia Bernardo Comarim e Rodrigo Zanin, discentes do curso de Bacharelado em Linguística, e Luzmara Curcino, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (DL/PPGL/UFSCar).

² Professora no Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens nesta mesma instituição. Em parceria com outras pesquisadoras, lidera os grupos de pesquisa: *Escritas profissionais e processos de edição*, na Universidade Federal de São Carlos; *Mulheres na Edição*, no CEFET-MG; e *Leitura, Escrita e Tecnologias Digitais* na Universidade Federal de Minas Gerais. É autora de livros de crônicas, contos, poesias e infantojuvenis, indicados a prêmios como *Portugal Telecom* (Oceanos). Foi vencedora do 64º prêmio Jabuti, em 2022, com o título *Romieta e Julieu* na categoria Juvenil. (Fonte: Plataforma Lattes). E-mail: anadigital@gmail.com.

Mulheres na Edição: ausências persistentes e novos cenários

Entrevistadores(as): A professora lidera o grupo de pesquisa *Mulheres na Edição*. O que a levou a criar esse grupo e em que consistem as suas pesquisas e atividades?

Ana Elisa Ribeiro: O grupo *Mulheres na Edição*³ foi criado a partir da aprovação de um projeto de pesquisa coletivo, coordenado por mim e duas colegas, as professoras Maria do Rosário⁴ e Paula Renata⁵, em função de nosso interesse em comum pelo estudo da presença e da visibilidade de mulheres na literatura. Isso era algo que nos chamava a atenção há um bom tempo. Entre nós três, a professora Rosário talvez seja a que tenha a trajetória mais longa de interesse pelo tema, já que fez seu mestrado e doutorado em Literatura e justamente estudando mulheres escritoras. A professora Renata, que assim como a Rosário, vem de uma formação em Literatura, também se dedicou ao tema. Nesse trio, eu sou o “bicho estranho”, pois sou linguista. É muito comum as pessoas esquecerem esse fato. Como estou tratando de Literatura, de edição de obras, às vezes se esquecem dessa minha origem e trajetória de formação acadêmica e desse lugar de onde parto para fazer minhas pesquisas.

Como linguista, trabalhei sempre com a leitura e a escrita. Muito antes de cursar Letras, eu já escrevia, eu já me interessava pela escrita. Na verdade, foi esse interesse que me levou a fazer o curso e não o contrário. O curso de Letras não me apresentou a escrita. Nele, eu tive a oportunidade de aprofundar esse meu interesse, me certificar de que era isso que eu queria fazer da minha vida. Portanto, eu já escrevia e publicava. Eu tinha muita vontade de ser escritora. Na minha família, ninguém tinha conexão com esse universo da escrita, da publicação de livros, de modo que para mim este era um universo desconhecido, em relação ao qual eu não tinha a menor noção de como acessá-lo.

³ Informações técnicas sobre o grupo *Mulheres na Edição* podem ser consultadas no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, através do link: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/6046034711881225892302>. Detalhes sobre datas e eventos estão disponíveis no site da entrevistada: <https://anadigital.pro.br/category/pesquisa/grupos-de-pesquisa/mulheres-na-edicao/>.

⁴ Maria do Rosário Alves Pereira é professora de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Editoração nos cursos técnicos e de graduação em Letras do CEFET-MG e atua no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Letras - Estudos Literários (2014) pela UFMG. Coordena o grupo *Mulheres na Edição* com Ana Elisa Ribeiro e Paula Renta Melo Moreira (informações retiradas do Currículo Lattes).

⁵ Paula Renata Melo Moreira é docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, do Bacharelado em Letras - Tecnologias da Edição e do ensino médio do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordena, junto com Ana Elisa Ribeiro e Maria do Rosário Alves Pereira, o grupo de estudos *Mulheres na Edição* (informações retiradas do Currículo Lattes).

Diferentemente de muitos escritores, eu não tenho uma história familiar de escritores, não sou neta nem filha de jornalistas, de autores literários, nem vivi em uma casa cercada de livros.

Os livros que hoje tenho em casa, que me cercam, não fizeram parte de minha história desde o início, da história de minha família, nem de minha infância. Minha relação inicial, na infância, com os livros foi a de uma busca em lugares externos da minha casa. Eu buscava livros na biblioteca pública, na biblioteca da escola e na casa da minha avó materna, que era uma leitora. Ela e minha tia me emprestavam livros. Não era um montão, nem eram títulos simples de se ler e de se entender. É preciso lembrar que à época não existia ainda *internet*. Tudo era mais distante e inacessível. Eu morava em um bairro operário em Belo Horizonte. Isso produzia em mim e em outros de minha geração e mesma origem a sensação de que o nosso universo se limitava a isso, algo como o bordão jornalístico de anúncio do Globo Repórter: *quem são, onde estão, como vivem, como se reproduzem*. Com o advento e expansão da *internet*, esse enquadramento se expandiu. Tenho a impressão de que hoje as pessoas não se sentem mais tão distantes em relação a certos desejos e modos de ser, que antes eram praticamente interditos para alguns, dependendo de sua origem.

Eu queria ser escritora e não tinha muita noção da maior dificuldade que enfrentaria simplesmente por ser mulher. Por um lado, isso me protegeu até certo ponto, porque eu não me sentia pior do que ninguém. Eu vivia em um universo extremamente machista, mas eu não levava a sério as interdições que esse universo impõe, por diversos meios e de diferentes formas, para mulheres. Essa inconsciência do que eu não poderia fazer me protegeu de modo que eu ia lá e fazia, escrevia o texto e mandava, não queria saber se iriam deixar ou não. Essa consciência dos entraves, barreiras e dificuldades enfrentadas especialmente por mulheres nesse universo foi surgindo muito depois.

À medida que eu fui caminhando para me tornar escritora, enviando textos, tentando publicar, tentando encontrar editoras, eu fui me dando conta do quanto eu me encontrava em um campo prioritariamente masculino. Eu percebi o quanto havia poucas mulheres com quem trocar ideias, dialogar, até o final da década de 80, início de 90. As editoras ainda não eram as editoras independentes de hoje, que publicam com mais facilidade escritores iniciantes. Isso gerava um certo incômodo, ainda sem nome, sem que tivéssemos ainda muita noção de sua origem e de suas causas.

Na universidade não falaram disso comigo. Fiz graduação nos anos 1990. Ingressei no curso de Linguística. Esse não era um assunto tematizado nas disciplinas. A

questão relativa ao gênero ainda não era tão presente como é hoje, nem tão disseminada. O incômodo que às vezes sentíamos ainda não tinha um nome.

Minhas parceiras de coordenação do projeto que deu origem ao grupo de estudos *Mulheres na Edição* são mais jovens do que eu e cursaram Letras um pouco depois de mim. A Rosário, por ter sempre estudado escritoras, principalmente Lygia Fagundes Telles⁶, travou contato desde sempre com as teorias que contemplaram o gênero como tema, com a perspectiva do feminismo e suas contribuições para melhor compreender a escrita e os desafios enfrentados por essas autoras, por serem justamente autoras.

Para mim, como para muitos de nós, o termo *feminismo* era quase um palavrão, um nome feio sempre usado para desqualificar alguém. Até hoje o termo soa com esse teor e é muitas vezes mobilizado como se fosse um xingamento. Chamar alguém de feminista durante muito tempo e ainda hoje em certas situações carrega esse efeito pejorativo. Isso melhorou, mas impediu e ainda impede muitos de se aproximarem da discussão.

Os estudos literários, por sua vez, se apresentaram para mim na graduação, mas eu não busquei uma aproximação, especialmente por querer me manter “selvagem”. Eu queria ser uma escritora, não uma escritora acadêmica de literatura. Meus estudos sempre se voltaram para edição, leitura e escrita. A minha questão era editorial: meu interesse era em *como* se publica e não a literatura em si. As questões que me interessavam tratavam de como essa mulher fez para chegar nesse livro, para ela ser ou não apagada editorialmente, para ela ser reconhecida ou não. Tempo depois eu descobri que essas questões podiam ser investigadas sob as lentes de uma outra área de estudos, então eu logo busquei uma aproximação dessa área, apesar da dificuldade em encontrar interlocutores. Uma das interlocutoras que encontrei nessa trajetória acadêmica foi a professora Luciana Salazar Salgado⁷. É muito importante estabelecer vínculos com interlocutores, porque é nessa troca que as pesquisas são reforçadas e as bibliografias se tornam mais amplas.

⁶ Escritora brasileira, membro da Academia Brasileira de Letras e ganhadora de prêmios como o Jabuti e Camões, escreveu crônicas e livros.

⁷ Professora no Departamento de Letras da UFSCar, graduada em Letras (Francês e Português) pela FFLCH/USP (1992), licenciada em Língua Portuguesa pela FE/USP (1994), tem especialização em Comunicação de Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM (1995), mestre em Educação (área de concentração: Ciência e Linguagem) pela Faculdade de Educação - FE/USP (1998) e doutora em Linguística (área de concentração: Análise do Discurso) pelo Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/Unicamp (2007) (informações retiradas do Currículo Lattes).

Então, já em 2014, fiz um projeto para estudar como algumas mulheres conseguiram publicar no século 20. Ainda que não fosse um projeto de estudos da literatura, como disse, precisei abraçar o tema por meio dos estudos literários, tendo em vista a dificuldade em encontrar um projeto interessado nos estudos editoriais. Esse projeto de pesquisa resultou no pós-doutorado que fiz na UFMG, no acervo dos escritores mineiros.

Meu interesse era explorar o arquivo de três mulheres: Henriqueta Lisboa, Lúcia Machado de Almeida e Laís Corrêa de Araújo. Antes delas, já havia produzido um ensaio abordando a grande Clarice Lispector. Para esses trabalhos, eu não me interessei pela obra em si, mas sim pelas questões editoriais. No caso da Clarice, eu queria saber como ela publicava, as dificuldades que encontrava, como se sentia e muitas outras questões sobre a atividade de publicar. Para encontrar essas respostas, eu precisei me debruçar sobre as correspondências da Clarice, especialmente aquelas que ela trocou com Fernando Sabino, seu editor. Foi muito interessante encontrar as respostas para as perguntas que se apresentavam, porque muitas vezes é como se a pessoa sempre estivesse ali e que foi muito fácil publicar seus escritos. No caso da Clarice Lispector, que é muito famosa, acabamos achando que foi uma atividade muito fácil, mas é aí que nos enganamos, porque ela encontrou várias barreiras pelo caminho também. O que é, inclusive, um alento para nós escritoras que também acabamos tropeçando em vários obstáculos do meio editorial.

Como comentei, depois de produzir esse ensaio com as informações encontradas nas correspondências da Clarice Lispector, parti para duas outras escritoras: a Henriqueta Lisboa, que é uma poeta menos celebrada do que gostaríamos, e a Lúcia Machado de Almeida, autora do sucesso *O escaravelho do diabo*, livro *best-seller* que marcou gerações. Também busquei informações sobre Laís Corrêa de Araújo, que também é poeta, mas que possuía um acervo disponível ainda limitado, por isso acabei abordando com mais detalhes as duas primeiras. Esse estudo editorial sobre elas gerou o livro *O ar de uma teimosia*, que conta as trilhas editoriais e as questões dessas três autoras.

Todas essas questões foram o ponto de partida para que eu começasse a estudar de fato o feminismo. Os estudos sobre o feminismo abordam temas muito amplos e eu queria encontrar aspectos dessas obras que me ajudassem a explicar essas questões editoriais que se apresentavam. O que essas mulheres passam que tem a ver com o machismo estrutural, ou com o racismo estrutural ou com o que quer que seja que está ali embutido nas questões de publicação, de livros, de circulação? Nessa empreitada, pude encontrar muita coisa.

Eu escrevi, então, um projeto para a Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (FAPEMG) em 2017, e o projeto foi aprovado em 2018. Com a aprovação, eu entrei em contato com a Renata e a Rosário e propus a criação do grupo de estudos sob a justificativa de que precisávamos nos manter estudando, algo que muitas vezes se apresenta como um desafio em meio à rotina conturbada que um professor tem. As duas prontamente aceitaram e assim nasceu o grupo *Mulheres na Edição*. A dinâmica do grupo consiste em cada uma de nós escolher um texto por mês, algo que precisamos ler para as nossas respectivas bibliografias, e então nos reunimos e discutimos. Essas reuniões de discussão são abertas ao público, resultando na participação de pessoas da graduação, do mestrado, do doutorado, do pós-doutorado e até pessoas que não estão desenvolvendo pesquisa no momento, mas que gostam de participar das discussões. Atualmente já lemos mais de quarenta textos. Ainda assim acaba sendo custoso organizar uma data em que todos possam, desse modo o processo de leitura muitas vezes é algo lento.

A comunicação e organização do grupo ocorrem através de grupos criados pelo *Google*. Em um desses grupos temos quase 300 pessoas inscritas. Nós mandamos o texto e o convite para todos e no dia as pessoas que podem, vão. Mensalmente se reúnem cercar de 30 pessoas, a maioria mulheres, infelizmente. Digo “infelizmente”, porque muitas vezes os homens não acham que o assunto é para eles, ou apenas não têm interesse mesmo. Eu sou otimista e acho que eles ficam um pouco intimidados, especialmente por considerarem que não poderão agregar muito em discussões sobre o feminismo, mas nós indicamos que o grupo é aberto para todos e todas que queiram participar. Excetuando-me e a minhas duas colegas, todos os outros vão se quiserem, se gostarem do texto, se a discussão tem relação com a pesquisa deles, é algo bem livre.

Sobre os temas abordados, por exemplo, a Renata gosta muito do tema do racismo, interseccionalidade e coisas relacionadas. Então ela sempre escolhe textos que tratam desses temas, enquanto outras pesquisadoras acabam se interessando por outras discussões. Cada um dos participantes do grupo tem o seu estilo. Também acontece de convidarmos um colega mais frequente, para que essas pessoas também falem de suas pesquisas, indiquem um texto seu ou uma bibliografia interessante para que possamos aprender também com as pessoas que estão sempre presentes nas discussões.

Com isso tudo, nós nos mantemos lendo, o que é muito interessante, pois já usei muito da bibliografia discutida no grupo em meus trabalhos. Aqueles textos realmente me serviram e fizeram diferença, textos que eu talvez não encontrasse sozinha ou que eu

não lesse, por considerar não ter muita relação com a pesquisa, mas que acabaram sendo importantes para minha visão de tudo.

O grupo começou em 2018 e está em atividade até hoje, paramos somente nas férias. Algumas vezes lemos um livro inteiro, algo que é mais difícil, mais longo e envolve a compra do livro pelos participantes, já que não incentivamos a pirataria. Pensando nisso, temos sempre o cuidado de propor textos de acesso aberto ou com valores acessíveis.

Em resumo, o grupo nasceu de uma pesquisa e se mantém pela necessidade e vontade que temos em ler e estudar para fazer o nosso trabalho. Com isso, já publicamos várias produções, seja individualmente, seja em parceria. Vamos fazendo isso lentamente, tentando manter a qualidade e a vontade dos participantes em seguir estudando conosco.

Entrevistadores(as): Tendo em vista suas reflexões como analista desses processos editoriais, você sentiu alguma mudança positiva ou negativa no decorrer do tempo, neste campo, em relação às mulheres, à sua presença e participação nas atividades desse universo?

Ana Elisa Ribeiro: Depende do nicho. As mulheres estão conquistando cada vez mais espaço e ganhando cada vez mais prêmios literários, especialmente no segmento do romance que, de certa forma, podemos dizer que é um nicho privilegiado. É muito recente que as mulheres ocupem a posição de finalistas e mesmo ganhadoras de todos os prêmios desse nicho. Recentemente, por exemplo, pela primeira vez cinco mulheres foram finalistas na categoria poesia no Prêmio Jabuti. Então não dá para dizer que não mudou, mudou muito, as mulheres chegaram muito mais às editoras, aos prêmios, às publicações etc.

O que precisamos também é olhar para trás. Teríamos hoje mais mulheres escrevendo ou sempre tivemos, mas elas não eram reconhecidas? Será que elas não saíram do âmbito privado, escrevendo e guardando, ou não eram estimuladas a sair? Ou talvez quando saíssem prontamente levariam um não. Isso tudo forma um jeito de ser aceito no meio literário, um jeito de escrever. Resulta que muitas mulheres foram chamadas de *Ah, ela escreve coisinhas de mulherzinha, Os temas não interessam*, porque quem decidia isso eram os homens que sempre estiveram lá e que ocupavam todo aquele espaço.

Uma coisa que vem sendo discutida, e que a professora Rosário tem estudado no Pós-doutorado dela, é o envelhecimento das mulheres na literatura. Alguns temas vêm

sendo historicamente vedados, como falar de gravidez, falar de menstruação, temas que foram invisibilizados ao longo do tempo. O estupro também sempre foi visto do ponto de vista masculino. Já hoje, se formos olhar livros importantes de grandes editoras que tem isso como ponto central, foram escritos por mulheres. Então houve uma mudança imensa nesse sentido.

Cem anos atrás era impossível imaginar um cenário como esse. Era o início das editoras brasileiras como as conhecemos. Nos anos 20 e 30, Monteiro Lobato montou editoras, depois José Olympio, com os romances, nos anos 30. Eram sempre os homens que estavam presentes nesses lugares.

O que tentamos fazer é estudar isso, para conseguir ver melhor o cenário todo. Se não estudarmos, não percebemos essas mudanças, que aconteceram e acontecem.

Apesar da forte ligação com o feminismo, não foi só ele o responsável por essa mudança. As tecnologias digitais também alteraram profundamente os processos editoriais e os acessos a este tema. Nesses últimos trinta anos, surgiram muito mais editoras, porque também é muito mais fácil editar um livro tecnologicamente. Hoje, as pessoas se sentem muito mais próximas de se tornarem editores, do que há cem ou cinquenta anos. Então tem algo tecnológico que interferiu, abriu e facilitou. Eu só não consigo dizer ainda que se democratizou, porque continuamos com certos privilégios. Mas, sem dúvida, o cenário já passou por mudanças.

Meu ex-aluno de doutorado, Marcos Roberto Nascimento⁸, demógrafo e sociólogo, defendeu uma tese recentemente, na qual propôs um grau de independência editorial. Ele buscou trabalhar com essa ideia das editoras independentes e uma das informações que ele encontrou foi um dado bem interessante: a maioria dos editores independentes são homens brancos e muito escolarizados. Há muitas mulheres editoras independentes hoje, mas persiste a predominância do homem branco e muito escolarizado, a maioria com curso superior, por exemplo. Ainda estamos falando de algo que não é tão acessível assim e nem tão democrático.

As editoras independentes surgem com propostas que há cinquenta anos seriam impensáveis, então é uma mudança importante, que, repito, está ligada a muitas coisas, muitos elementos, que juntos formam um outro cenário e abrem novas possibilidades.

⁸ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG, 1995), mestre em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (CEDEPLAR/UFMG, 2000) e doutor em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, na linha de pesquisa Edição, Linguagem e Tecnologia (POSLING/CEFET-MG, 2022). Atua como professor na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (informações retiradas do Currículo Lattes).

Feminismo e Presença Editorial

Entrevistadores(as): Como a professora mencionou, é sensível a baixa participação de homens em grupos de pesquisa, de discussão, de caráter feminista. No seu ensaio *Subnarradas: Mulheres que editam*, há um trecho em que você trata da presença masculina nesses espaços. Em que consiste essa presença?

Ana Elisa Ribeiro: É difícil precisar isso, esse sentimento de ausência masculina nesses ambientes. Faço parte do grupo da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) chamado *A mulher na Literatura*, um grupo bem consolidado, antigo. O grupo conta com a presença de cerca de dois ou três homens. Com base nisso é inevitável não nos questionarmos sobre a razão por trás disso. As motivações podem ser várias. Os homens podem não se interessar por essa perspectiva, podem achar que não têm lugar de fala, e se questionarem *Como eu vou estudar isso se não sou mulher?*. Não sabemos o que motiva esse distanciamento, mas é preciso lembrar que estudo de gênero não é, necessariamente, estudo feminista. Falar de feminismo e falar de gênero são coisas diferentes. São estudos para todos. Eu, particularmente, acho que todos podem estudar esses temas, até porque é importante para o nosso crescimento pessoal. Esse desinteresse dos homens por esses temas acaba invisibilizando também o nosso trabalho, porque menos gente se interessa, menos gente lê. A sorte é que as mulheres já são maioria em muitas coisas, inclusive, por exemplo, em alguns cursos universitários. Por essa razão, acabamos formando essa comunidade e isso faz com que a gente não se apague. Até o tema que você escolhe para a sua pesquisa pode levar você a uma certa invisibilidade, porque não é aquilo que interessa a todos.

Na tradução para o português do livro da socióloga francesa Gisèle Sapiro⁹ chamado *Sociologia da Literatura*, em certa altura ela afirma que na agenda dos estudos de edição, estudar edição e gênero é algo promissor, porque esses temas têm sempre alguma ligação. Hoje várias pessoas estão trabalhando na questão das mulheres na edição, porque as mulheres demoraram a entrar. E demoraram por que razão? A pergunta é o porquê.

⁹ Socióloga francesa, diretora de pesquisa do *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)* e diretora de estudos da *École des Hautes Etudes em Sciences Sociales*. Especialista em sociologia dos intelectuais, literatura e tradução (adaptado de <https://editoramoinhos.com.br/autor/gisele-sapiro/>).

Como mencionei, entretanto, isso também depende do segmento. Anteriormente eu chamei de nicho, mas podemos chamar de segmento, ou gênero editorial. Temos no grupo, por exemplo, a Alessandra¹⁰, que estuda as mulheres nos quadrinhos, espaço ainda menos ocupado pelas mulheres. Edição quer dizer muita coisa, tem muitos segmentos. Em alguns as mulheres entram mais, em outros elas entram menos, até hoje.

A luta das quadrinistas é muito forte, muito importante, porque é uma área em que os homens são os protagonistas, os grandes quadrinistas. O romance tinha menos mulheres, enquanto na poesia elas sempre estiveram presentes. No segmento infantil, entretanto, elas sempre tiveram um espaço, porque esse é o lugar da mulher, aquele que mistura o papel de mãe, professora. Porém as mulheres querem estar em todas as partes.

É nesse lugar que emergem a nossas questões: *como* e *por que* essas são as dinâmicas de gênero no meio editorial. Na história editorial do Brasil não há nenhuma mulher de destaque, mas nós nos perguntamos se elas realmente não ocuparam esse espaço ou se foram invisibilizadas. Se foram invisibilizadas, por que o trabalho de um homem, exercendo uma mesma função, foi mais importante do que o de uma mulher? Aí entra o nosso papel, o de dizer *essa mulher é tão importante quanto esse cara*.

Nós também não pretendemos apagar ninguém, é importante destacar isso. Nós queremos dar o lugar justo para aquela mulher que estava lá. Ela estava lá, não estamos inventando. Por que ela não é narrada nessa história? Por que aparecem os nomes dos colegas dela e não aparece o dela? Por que não disseram *essa mulher foi fundamental*? Essa figura aqui, essa mulher, nesse lugar, editou essa revista e ela foi fundamental. Não ouvimos nada a respeito dessas mulheres, mas ouvimos a respeito do menino da idade dela, que fundou uma tal revista.

Há também ecos regionais, há desigualdades nos mais diversos níveis. Um rapaz que estava em tal região do país é lembrado como mais importante do que outro que estava em outra região do país. E é engraçado isso, porque às vezes a pessoa que fez uma coisa numa região pode ter tido muito mais impacto do que outra que realizou o mesmo em uma região que já contava com iniciativas semelhantes. Esses valores também são curiosos. É isso o que buscamos discutir, identificar e refletir em nossas pesquisas. E em meio a isso tudo, vemos que há menos homens participando dessas discussões. Não

¹⁰ Alessandra Hypolita Valle Silva Lopes é doutoranda PPG Posling/CEFET MG em 2022. Mestre em Linguagens pelo CEFET MG, na Linha I - Literatura, Cultura e Tecnologia. Formada e licenciada em Psicologia pela PUC Minas, pesquisa temas convergentes entre a psicologia e a literatura (informações retiradas do Currículo Lattes).

sabemos exatamente o porquê. As razões podem ser várias: não ter lugar de fala, se inscrever em um grupo hostil.

Tecnologias no Ensino e Pandemia

Entrevistadores(as): Tratando agora de outra frente de seus estudos, aquela da área da educação relacionada ao digital, em seu ensaio para a Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Cores das Letras, intitulado *Improviso, ensaio e expansão: reflexões sobre escola e educação pós-pandemia*¹¹, a professora se questiona sobre a volta do ensino presencial, após a pandemia e o processo acelerado de virtualização, de digitalização das atividades docentes, dos materiais que a ocasião exigia. Nele você trata dos desafios e mudanças que esse cenário impôs a estudantes e professores. Há um tópico específico em que você fala sobre a *escola expandida*. Como professora, como isso funcionaria no âmbito escolar?

Ana Elisa Ribeiro: A resposta é quase impossível. Eu sempre estudei no campo da Linguística, questões relacionadas à leitura, à escrita e à tecnologia, campo em que a discussão a respeito dos usos das tecnologias na escola está presente há décadas. Por estar já inserida nessas discussões, reconheço que a escola nunca enfrentou isso de maneira definitiva. Em todas as ocasiões sempre foi algo experimental. Sempre esteve articulado à ação de um professor específico que propunha algo diferente no manejo de certas tecnologias e que não tinha repercussão ou impacto consequente e generalizado. Lidar com novas tecnologias no ensino sempre se tratou de um enfrentamento, de mudanças muito complicadas.

Quando veio a pandemia, ficou evidente, com a necessidade de estabelecimento de ensino remoto e emergencial e a confusão que se instalou nesse cenário, a desigualdade de acesso e uso dessas tecnologias. As escolas administraram a situação de maneiras diferentes. Algumas foram mais bem-sucedidas na transição, outras nem tanto. Algumas pararam completamente. Vivemos uma situação, uma experiência inédita, da qual é preciso retirar lições importantes.

Escrevi esse texto que mencionaram justamente neste período. Por isso ele passou por algumas atualizações antes de ser publicado, e de lá para cá muita coisa mudou e tem

¹¹ Cf. Ribeiro (2022).

mudado. Nós já retornamos para as aulas presenciais há algum tempo. No entanto, no início, no momento que saímos do ensino remoto e voltamos para o presencial, foi uma experiência de verdadeiro estranhamento. As escolas não sabiam muito o que fazer. Algumas, inclusive, adotaram um sistema chamado de híbrido, com alguns alunos presentes em sala e outros em casa. Ainda assim, mesmo nesse tipo de solução provisória, não se está diante de uma assimilação de comportamentos relacionados ao digital ou de ensino híbrido propriamente. O professor está dando aula presencial para uma câmera ligada com alunos conectados virtualmente. Não se trata de uma incorporação do digital, de seus recursos, meios e formas.

De qualquer modo, são situações assim em que podemos nos fazer perguntas sobre o que muda em nossa prática docente e discente em cada disciplina. Como muda? Por que muda? Por exemplo, algumas disciplinas sofreram muito mais do que outras, afinal há disciplinas cuja natureza implica usos específicos dos recursos digitais, mais restritos. Outras, em contrapartida, podem muito bem ser ministradas remotamente ou usando ambientes digitais. Quando eu falo “usar ambientes digitais”, eu não quero dizer ministrar aulas apenas falando diante de uma câmera. Isso não é “usar ambientes digitais”. Claro que podemos fazer uma chamada de vídeo para dar uma aula ou realizar uma atividade conexa, o que poderá funcionar muito bem, tal como essa, de nossa entrevista de forma remota para uma atividade de uma disciplina da grade do curso de Bacharelado que vocês realizam. Eu não preciso estar em São Carlos, na UFSCar, para realizarmos essa entrevista. Agora, em algumas situações, é inviável abrir mão da presença física.

Para mim, que dou aula de redação, funciona bem a chamada de vídeo, mas eu preciso também usar recursos que ajudem a disciplina a ganhar fôlego, dinâmica, nesse quesito. Muitos recursos multimodais me ajudaram a ensinar aspectos da disciplina que eu não consigo ensinar sem o computador. É essa a questão. Para essa disciplina, para determinadas coisas que eu queria ensinar, o digital oferece recursos e possibilidades muito interessantes. Quando retornaram as aulas para o presencial, eu perdi a oportunidade de usar vários recursos e ferramentas. Mas isso não ocorreu para todas as disciplinas indiscriminadamente. Um professor de Educação Física, uma pedagoga ou um químico sofreram muito mais do que eu nessa transição para o digital.

Há claramente ganhos e perdas. É preciso considerar a pertinência nos usos das ferramentas e recursos. É preciso discernir *o que é melhor aqui ou ali*. Eu acho que esse tipo de avaliação é muito global e precisa ser feita de forma ampla e coletiva para dar origem a essa *escola expandida* a que eu fiz alusão no ensaio. É preciso observar os

lugares, compreender as demandas e especificidades de agregar o digital com vistas à melhoria das atividades de formação, verificar onde é possível e necessário manter e aprofundar o uso desses recursos.

É muito importante pensar nisso, apesar de muita gente ter criado um bloqueio em relação a essa possibilidade. Isso é compreensível muito em função da situação em que tudo ocorreu, em que fomos obrigados a lidar com o ensino digital de forma abrupta, sem formação ou recursos para isso. Em situações como esta é comum que as pessoas vejam tudo isso negativamente. O que é preciso, neste caso, é ponderar melhor sobre o tema. Se isso já se impunha em grande medida há vinte, trinta anos atrás, hoje trata-se de uma reflexão incontornável. Nós tivemos uma oportunidade, e tendo oportunidade, precisamos conversar seriamente sobre ela.

Na minha disciplina de redação para o ensino médio, como disse, eu tive ganhos didáticos no uso de alguns recursos digitais, aos quais não pude mais recorrer quando do retorno para o regime presencial. Isso me obrigou a pensar se não seria necessário repensar essa aula de redação? Se não seria possível eu juntar o melhor dos dois mundos? E é esse tipo de reflexão o que é mais fundamental nessa hora. Para quem estuda multimodalidade, é preciso refletir sobre isso, ou seja, qualquer que seja o meio de expressão que você escolha adotar em sala de aula, é importante pensar que esse meio é parcial. Se considerarmos que o jeito de ensinar presencial é parcial, assim como o jeito de ensinar remoto, é preciso considerarmos, portanto, que as duas formas têm perdas e ganhos. Com isso, concluímos que não é todo aluno que está sentado na sala de aula presencial que está de fato aprendendo. A mesma coisa acontece no ambiente digital.

Talvez, se conseguíssemos mesclar as modalidades, todos nós, professores e alunos poderíamos ganhar mais com isso, ou então fazermos melhor a gestão dos ganhos e perdas. Não é fácil fazer isso. Trata-se de uma mudança cultural. Além disso, não podemos esquecer que a escola está ligada a muitas outras coisas que não têm a ver com a educação, como vimos durante a pandemia. É o emprego de muitas pessoas em jogo, é o lugar que os pais podem deixar os filhos quando estão no trabalho. A escola é uma espécie de lugar que serve para muitas coisas, inclusive para alimentar crianças que não dispõem em suas casas de uma dieta adequada, do acesso a alimentação minimamente suficiente e saudável. São tantas coisas envolvidas que é bem difícil discutir perdas e ganhos com o ensino remoto e a apropriação de recursos digitais tal como se deu neste período de crise. Não tivemos tempo de fazer isso, e talvez não o façamos de forma consequente por muito tempo ainda.

Da análise das mulheres na edição à produção literária

Entrevistadores(as): A professora não apenas estuda a escrita e a leitura no universo editorial, literário. Você também é escritora de sucesso. Entre suas produções literárias de sucesso, destacam-se as obras para o público jovem, como *O e-mail de Caminha* e *Romieta e Julieu*, produção esta que lhe outorgou o Prêmio Jabuti em 2022. Em que medida sua formação e suas pesquisas de temas como a presença feminina no universo editorial ou o digital na educação estariam presentes, teriam influenciado no seu processo de criação de histórias ficcionais, literárias?

Ana Elisa Ribeiro: Tudo tem a ver com tudo. Não consigo separar, nunca consegui. Quem separa são os outros. Isso fica patente nas minhas produções literárias para o público jovem, como as que vocês citaram, *O e-mail de Caminha* e *Romieta e Julieu*, e com algumas outras que já estou pensando e escrevendo, e que têm muita relação com o que sei sobre tecnologia, com meus estudos acadêmicos, com a minha vida de professora.

Quando eu escrevi *O e-mail de Caminha*, parti de uma ideia que me incomodava há muito tempo, como aluna. Me lembro de que quando li a carta de Pero Vaz de Caminha no ensino médio, fiquei encantada por ela como objeto, nem tanto pelo conteúdo. Eu ficava impressionada com a ideia de *como* uma carta daquela idade ainda existia, *como* aquilo tinha sobrevivido aos anos. Tempos depois, já como professora, eu comecei a pensar nas questões da tecnologia relacionados ao texto. Afinal, as tecnologias de um dado tempo têm uma relação muito forte com aquilo que as pessoas daquele tempo escreveram, fizeram, conservaram. As tecnologias fornecem os meios pelos quais se pode fazer a escrita do seu tempo, da sua época.

Em meio a esses pensamentos, eu ficava refletindo sobre o Caminha, sobre os recursos que ele dispunha então, sobre os motivos que o levaram a ter escrito uma carta de 14 páginas ao longo de vários dias, e assim por diante. Nesse turbilhão de ideias, me veio o pensamento *E se fosse um tweet?* Se ele tivesse uma conta no *Twitter*, ele faria várias postagens e não uma carta. Eu consigo até imaginar o *Twitter* do Caminha. Hoje isso é óbvio, mas a tecnologia determina em grande medida as formas com que uma pessoa produz o que produz. O indivíduo, de sua parte, também tem influência sobre a tecnologia, as formas de sua apropriação, incluídas aí as formas de sua transgressão. Se

se escreve, entre muitas aspas, “a mesma coisa” em ambientes muito diferentes, então elas não são “a mesma coisa”.

Se uma situação equivalente à do Caminha se impusesse atualmente, provavelmente a pessoa no seu lugar usaria o *Instagram* para narrar a viagem e tiraria muitas fotos. É possível narrar essa história de muitos jeitos, conforme a ferramenta que a pessoa está usando. No caso do livro, eu decidi fazer um e-mail, por ser mais estável, se não meu livro morreria junto com a plataforma. Se fosse um *Orkut de Caminha*, já teria morrido. Então eu tinha de escolher uma ferramenta mais estável para o livro durar. O engraçado é que “os meninos mais novos” não conhecem muito o e-mail. Apesar disso, são obrigados a usar o e-mail para acessar outras plataformas, como as de jogos eletrônicos, para acessar a conta de um jogo. Assim, mesmo não usando o e-mail como a minha geração, eles conhecem esse meio.

Já o *Romieta e Julieu* é uma outra coisa. O livro do Caminha é todo adaptado. Tive de transformar uma carta em muitos e-mails. Houve uma transformação de gênero. Para a escrita do *Romieta e Julieu* não foi preciso. Ele continuou sendo uma peça, como a peça original que o inspirou. Eu não alterei o gênero, ainda que tenha acrescentado um narrador e que ele não seja uma rubrica de teatro. Existe uma certa mistura. Eu mexi principalmente na linguagem e na história, inseri a interferência da tecnologia nas maneiras como circulamos a informação. Falo da circulação da informação porque qual era a questão de *Romeu e Julieta*? Para além do amor proibido de que todos se lembram, há um detalhe na história que é: o que é que dá errado na história do *Romeu* e da *Julieta*, sob a ótica das personagens? O motivo principal de toda a tragédia é uma mensagem que não chega. O nó da história é justamente a passagem em que o padre manda um bilhete para o *Romeu* por um mensageiro, por uma pessoa, informando que *Julieta* não estava de fato morta, mas o mensageiro não consegue entregar o bilhete, *Romeu* não fica sabendo que a morte da *Julieta* é falsa, e quando a encontra aparentemente sem vida, ele se mata, e ela acorda, ele está morto e ela então também se mata. O grande problema dessa narrativa é um problema de comunicação. Por isso eu resolvi adaptar o cenário, a situação levando em conta as ferramentas de hoje.

Atualmente eles provavelmente não morreriam. O *Romeu* seria informado, de alguma forma, sobre o plano, uma vez que dispomos de muitos mecanismos de troca de mensagens instantâneas. E considerando isso, muitos leitores me perguntam por que eu não mudei o final da história. Eu sempre respondo que faria menos sucesso e que deixaria de ser uma tragédia. Eu tive de fazer uma engenharia grande para atrapalhá-los em seus

planos hoje, com as ferramentas de hoje, com as facilidades de comunicação de hoje. Eu tive de tirar o *wi-fi*, tive de fazer acabar a bateria dele, de arrumar vários problemas para eles continuarem não sabendo a verdade sobre aquela armação do padre e da Julieta.

Portanto, a minha produção literária está relacionada com o que estudo, com os temas de pesquisa, de ensino, com os temas da minha vida de professora. Está tudo interligado, porque sempre me pego pensando *Nossa! O que eu faria na sala de aula?* Sempre me pergunto que atividades eu proporia para ler com meus alunos certos livros. Por isso, esses meus livros também contam, além da história propriamente dita, do prefácio, do posfácio (aliás, escrito por Maria Valéria Rezende, uma grande romancista brasileira), com uma parte dedicada aos professores, preparada para colegas professores, na qual sugiro formas de trabalhar o conteúdo.

O livro é, inclusive, publicado por uma editora que tem forte apelo no meio escolar e acaba sendo bem comum que eu receba marcações nas redes sociais de alunos e professores propondo atividades pautadas nos livros que publiquei.

Para outros públicos, entretanto, eu penso menos. Vou publicar um livro de poema, por exemplo, e não me preocupo tanto com essa destinação. No entanto, esses temas que estudo estão lá. Meu livro de poema mais recente se chama *Menos Ainda* e foi lançado em novembro de 2022. O *Menos Ainda* tem muitas questões editoriais, tem textos para falar de mulheres que publicam, que não publicam, da dificuldade do poeta no universo da edição, do que é publicar poesia hoje, ou o que já foi publicar poesia, a *marginalidade* da poesia. Enfim, eu não consigo separar esses temas de minhas produções nesses diferentes campos.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Cecília; RIBEIRO, Ana Elisa; COUTINHO, Samara (org.). **Subnarradas: Mulheres que editam**. Belo Horizonte, Entretantas Edições, 2023.

RIBEIRO, A. E. **O e-mail de Caminha**. Belo Horizonte: Editora Rhj, 2020.

RIBEIRO, A. E. **Romieta e Julieu: tecnotragédia amorosa**. Belo Horizonte: Editora Rhj, 2021.

RIBEIRO, A. E. **Menos Ainda**. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2022.

RIBEIRO, A. E. Improviso, ensaio e expansão: reflexões sobre escola e educação pós-pandemia. **A Cor das Letras**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 317–325, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/9139>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SAPIRO, Gisèle. **Sociologia da literatura**. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2019.

Como referenciar esta entrevista:

RIBEIRO, Ana Elisa. Mulheres na edição e na literatura. [Entrevista concedida a] Bruna Laisa Ferreira, José Victor Messias, Luzmara Curcino, Maria Eduarda da Matta, Maria Julia Bernardo Comarim e Rodrigo Zanin. **revista Linguagem**, São Carlos, v.47, n.1, p. 23-39, 2024.